

VOTO NULO E RENASCIMENTO DA UTOPIA

Antônio Sérgio Santos*

De dois em dois anos temos no Brasil um período eleitoral, vivemos numa dita democracia em que os meios de comunicação bombardeiam a população com a necessidade de votar e bem para escolher seus ditos representantes. Ocorre que cada vez mais fica evidente que os partidos visam chegar ao poder e neste se manter e os discursos ficaram em segundo plano. Desta forma os partidos de esquerda que diziam defender os trabalhadores uma vez no poder fazem o discurso do patrão. Diante desse quadro o processo eleitoral sofre um desgaste diante da sociedade, pois está já não deposita tantas esperanças nesse processo como em tempos passados. Assim, vemos surgir movimentos alternativos que propõe uma discussão que ultrapassa os limites do processo eleitoral onde se discute as bases dessa sociedade, pela radicalidade e coerência das propostas podemos dizer que estes grupos trazem de volta o pensamento utópico.

Votar ou não votar! Eis a questão que nos é colocada a cada dois anos, ou como diz a propaganda oficial, devemos escolher bem nossos governantes, o Brasil precisa do seu voto. Todo mundo já está cansado desse sistema eleitoral, porque a cada eleição aparece um projeto de mudança, mas quando chega ao poder o partido segue o mesmo projeto que outrora criticava. Vejamos no caso do atual governo, durante o governo anterior o partido do atual foi o maior opositor, denunciava a implantação do neoliberalismo e suas conseqüências e hoje no poder deu prosseguimento a essa política, de forma dissimulada e com o discurso de manter a governabilidade. Segundo Viana (2003a), os partidos políticos são organizações burocráticas cujo objetivo é conquistar o poder estatal e assim legitimar tal luta utilizando a

ideologia da representação e, no fundo, expressam os interesses de uma ou outra classe ou fração de classes existentes.

Não podemos esquecer que as eleições são uma parte da engrenagem da sociedade capitalista, logo as eleições servem para legitimar o sistema existente com suas contradições. A sociedade capitalista que se caracteriza fundamentalmente pela extração da mais valia em que duas classes se apresentam como as principais, a burguesia e o proletariado, e para dominar o proletariado que é a grande maioria a burguesia se utiliza de vários mecanismos e um deles é o processo eleitoral. No processo eleitoral temos os partidos de direita, que representam o capital embora tenham um discurso universal, ou seja, governam para todos – ocultando que esse “todo” se limita à burguesia – e os partidos de esquerda, que dizem defender a classe trabalhadora e uma vez no poder todos tem que rezar na cartilha do capital. Embora possa também permitir a integração de trabalhadores, mas, a questão é que ao integrar o partido vai encontrar uma organização burocratizada, além de que os políticos profissionais acabam ditando as regras e tendo mais privilégios. Além disso, uma vez no partido, o indivíduo ou segue as regras do partido, ou sai. E aqueles que continuam e conseguem a ascensão dentro do partido se aliam aos interesses dos capitalistas e continuam reproduzindo a burocratização. Aqueles que buscam criticar a posição do partido são expulsos ou marginalizados dentro do próprio partido.

O voto nulo tem por objetivo denunciar a farsa eleitoral, e ir além, e podemos indicar isto como o renascimento da utopia. O voto nulo é uma luta de diversas organizações existentes na sociedade brasileira. Estas

organizações se caracterizam por uma crítica da burocracia e de como esta domina os partidos políticos. Também retomam correntes que dentro do marxismo foram marginalizadas, mas que no conteúdo retomam as teses de Marx que segundo a qual a revolução será obra da própria classe trabalhadora e para isso não precisa da mediação de nenhum partido ou sindicato.

Assim, vemos nestes movimentos renascer o pensamento utópico, no sentido que Ernst Bloch teorizou. Segundo Bicca (1986, p-80)

Pensamento utópico como utopia concreta não almeja nenhuma distância com relação a seu objeto; muito pelo contrário: como pensamento orientado para o futuro – em vez de simples pensamentos de desejos entusiásticos – é uma busca constante de mediação com o seu conteúdo.

Desta forma, utopia concreta é uma consciência antecipadora, um querer que impulsiona o ser para o futuro e vai contra a ideologia da sociedade capitalista que desilude e a qual contribui para essa condição ruim que vivemos como algo natural.

Tem sido dito, constantemente na imprensa, expressões do tipo “as eleições não pegaram” ou “as eleições ainda não empolgaram a população”. O que os jornalistas querem dizer com isto é que a população não se interessa pelo processo eleitoral de hoje como se interessavam no passado recente, como exemplo a mobilização popular em torno das eleições de 1989. Isso acontece porque todos os partidos, inclusive os da “dita esquerda”, representam o mesmo projeto político, mesmo com as devidas maquiagens para se apresentarem como diferentes para o público. No Brasil os partidos de esquerda que tradicionalmente estiveram na oposição, tinham um discurso mais radical que pregavam mudanças profundas no Estado

para que este fosse mais justo, uma vez no poder assumiram uma postura moderada e na prática conduzem o governo com as mesmas políticas implantadas pelos anteriores. Diante disto é inevitável um clima de descrença do eleitorado, mesmo que não manifestado de forma consciente, e assim o voto nulo se apresenta como uma proposta alternativa que não se limita ao processo eleitoral e busca trazer o debate para a questão fundamental, ou seja, discutir as bases da sociedade capitalista e suas formas de dominação.

A democracia burguesa é a forma que a burguesia encontrou para reproduzir seus privilégios que são conseqüentes da exploração que mantém sobre as classes exploradas, criando mecanismos que favorecem a burocracia partidária e restringe a participação popular. Desde o fim da ditadura militar, praticamente, os principais partidos tanto de direita como de esquerda chegaram ao poder, e em razão disso surgiu uma ilusão, devido o fato de os partidos de esquerda fazerem o discurso de que defendem a classe trabalhadora e prometem uma mudança nas políticas estatais. Diante disso cria-se uma expectativa muito grande em torno desses governos. Podemos citar a euforia que foi a eleição do PT à presidência da república. Porém, como já era esperado, não mudou nada, um partido que participa do processo eleitoral é igual a todos os outros partidos, mesmo que diga ser diferente. Segundo Viana (2003 b, p-12),

Os partidos políticos são organizações burocráticas que visam à conquista do Estado e buscam legitimar essa luta pelo poder através da ideologia da representação e expressam os interesses de uma ou outra classe ou fração de classes existentes.

Vejamos o que ocorre no Brasil, o governo anterior do PSDB implantou o neoliberalismo no país, este se caracteriza

por privatizações, redução de direitos trabalhistas e previdenciários, enfim criou condições para que as taxas de lucro dos capitalistas não caíssem. Isso gerou o desgaste político do governo anterior e foi o combustível para a propaganda do PT, e este, uma vez no poder deu seqüência ao projeto neoliberal, ou seja, não mudou nada.

O ponto importante desse processo foi o da unificação dos partidos de esquerda com os da direita, uma vez que os partidos de esquerda chegaram ao poder mudaram o discurso e começaram a defender bandeiras que outrora atacavam. Diante deste quadro o voto nulo se apresenta como uma alternativa, mas uma alternativa mais radical que visa questionar as bases dessa sociedade para concretamente propor uma mudança. Primeiramente, não podemos analisar o processo eleitoral isoladamente do resto da sociedade capitalista, ele é parte da engrenagem, pois, na sociedade capitalista tem os grupos de oposição

* Especialista em Ciência Política.

que buscam a transformação social, e não compactuam com o processo eleitoral, logo, não podem ser incluído neste todo. E a crítica radical favorece o renascimento de tendências de esquerda que foram marginalizadas, mas que pela sua coerência continuam vivas. Conselhistas, autogestionários e anarquistas, correntes que são contra o reformismo e o burocratismo cada vez mais ganham espaço no mundo atual.

Assim podemos dizer que temos um renascimento da utopia, no sentido que Ersnt Bloch (2005) propõe, ou seja, uma utopia concreta, um querer que impulsiona a uma transformação social ao contrário da própria ideia de utopia que existe na nossa sociedade, utópico é visto como um “sonhador” ou utopia abstrata no sentido de algo não ser realizável. Para a utopia concreta temos que buscar meios de realizar esses sonhos, e no caso da política temos que lutar, para que o sonho de uma sociedade sem exploração se torne possível.